

LUCIRLÉIA ALVES MOREIRA

**A PRODUÇÃO SOCIAL DA ANORMALIDADE : UM ESTUDO SOBRE A
LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL NA DÉCADA DE 1920**

**Campinas, SP
2001**

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
.....	TCC/Unicamp
.....	m 213p
V:.....	EX:.....
TOMBO:.....	1153
PROC:.....	117/04
C:.....	D: X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	17/02/04
Nº CPD:.....	10275

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Moreira, Lucirleia Alves.

M813p

A produção social da anormalidade : um estudo sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental nos anos 1920 / Lucirleia Alves Moreira. – Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Heloísa Helena Pimenta Rocha.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação especial. 2. Educação – História – 1920. 3. Saúde mental. I. Rocha, Heloísa Helena Pimenta. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-0162-BFE



"O Sonho da razão produz monstros"
Francisco de Goya

Dra.HELOISA HELENA PIMENTA ROCHA
Orientadora

Dra.MARIA CRISTINA MENEZES
Segunda Leitora

*Á minha mãe, pelo exemplo de
determinação e otimismo.*

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidas:

Especialmente a Dra. Heloísa Rocha, pela valiosa orientação e inúmeros momentos de aprendizagem, que guardo com grande estima.

À toda minha família, minha irmã Luciana, e ao meu irmão Marcos pela paciência, pelo carinho e apoio nos diversos momentos do desenvolvimento desse trabalho e por agüentarem, tanto quanto eu, a minha ausência em casa.

Aos meus amigos sempre presentes na confecção desse trabalho, destaque para Léo, amigo querido e sempre pronto a ajudar.

Aos amigos da J11, Fabiano, Porfírio, Rodrigo, João, por sempre disponibilizarem o computador, o que me valeu o carinhoso apelido de ‘colão’.

À Mônica pela preciosa amizade.

À Professora Cristina, pela colaboração e carinho ao ler esse trabalho.

À turma 97/ noturno onde tenho muitas amigas e amigos...Saudades!

Ao meu namorado, Amauri, por sua contagiosa autoconfiança na reta final.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO 08

CAPÍTULO 1 - "*A Época Da Hygiene Prophylatica*" 13

CAPÍTULO 2 - *Os Archivos: legitimação da profilaxia mental e eugenia* 22

CAPÍTULO 3 - *Educação, Infância e Anormalidade* 28

BIBLIOGRAFIA

ANEXO I

ANEXO II

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a investigar a influência da Liga Brasileira de Higiene Mental (L.B.H.M.) sobre o processo de constituição da psiquiatria infantil no país, de modo a compreender as iniciativas que presidiram a constituição do campo da Educação Especial. No que diz respeito à psiquiatria infantil, cabe destacar que a sua maior penetração na sociedade brasileira se dá a partir das primeiras décadas do Século XX, com o avanço de um discurso calcado na afirmação da necessidade de “prevenção” dos considerados distúrbios infantis, como assinala Schechtman (1993):

“A partir da década de 20 acentua-se a expansão das instituições psiquiátricas nos principais centros urbanos brasileiros. A psiquiatria busca legitimar-se como uma das estâncias reguladoras do espaço social, extrapolando os limites asilares, construindo um saber psiquiátrico preventivo, ao qual se vincula o surgimento da psiquiatria infantil.” (p.86)

Segundo Jacques Donzelot (1980), em *A Polícia das Famílias*, o surgimento da psiquiatria infantil, que demarcou a institucionalização da intervenção médica em relação à infância, não se deveu à descoberta de uma patologia mental característica da infância. Resultou, antes de tudo, do afã da psiquiatria de designar um possível objeto de intervenção prática, que não se limitasse a gerir os reclusos, mas fosse capaz de presidir a inclusão social. Nesse sentido, destaca:

“A psiquiatria se fantasiava de higiene mental. Esta, por sua vez, era definida como ‘moral universal do amanhã’. Todos os aspectos da vida social passaram a ser merecedores da atenção higienista, que propunha ser fundamental de um trabalho educativo junto às novas gerações, visando moldar na criança o futuro homem higienizado. A criança, passando a ser merecedora de todos os cuidados, justificará a intervenção e o controle sobre os pais, transformados em parâmetros morais ante os filhos, cabendo à higiene mental a orientação científica das famílias.” (Schechtman, 1993, p.87)

Vemos que a Liga tem um papel fundamental nessa expansão das instituições psiquiátricas, assim como também na confirmação do saber psiquiátrico com caráter preventivo, uma vez que em 1925, Ernani Lopes, então presidente da

L.B.H.M., expõe um plano pormenorizado para um laboratório de psiquiatria, cuja proposta de funcionamento já denotava uma clara preocupação quanto à intervenção preventiva junto à família e à criança. Essa iniciativa representa o marco institucional a partir do qual a ideologia higienista ganha espaço junto às práticas de saúde no Brasil.

Quando Costa (1976) se remete a Foucault, para analisar a história da Psiquiatria, percebe que ela não pode ser corretamente analisada a partir de conceitos psicológicos. Só o conceito de “poder”, em suas diversas modulações históricas, permite compreender a natureza da prática e da teoria psiquiátricas, em suas diversas manifestações históricas. Segundo Costa,

“A psiquiatria, como as ciências humanas (psicologia, sociologia, pedagogia, etc.), surgiram no século XIX como justificativas teóricas das práticas de disciplina corporal. As ciências humanas e a psiquiatria sistematizaram os resultados dessas práticas e as elevaram à categoria de teoria sobre a essência psicológica ou sociológica do sujeito.” (Costa, 1976, p.10)

Buscando compreender a forma como são gestadas essas teorias e o seu desdobramento em práticas corporais, vamos analisar o pensamento psiquiátrico produzido pela L.B.H.M., organização que atuou ativamente na primeira metade do século XX no Brasil, com ênfase nas suas formulações em relação à infância e sua educação nos anos 20.

A experiência da Liga, como têm evidenciado alguns estudos, oferece aspectos primordiais para a problemática formulada neste trabalho, já que ela nos ensina, antes de mais nada, que a psiquiatria no Brasil tem um história de que dão testemunho os impasses, as rupturas e transformações que ela sofreu. Nosso passado psiquiátrico não é, como nos ensinam alguns autores, um puro “zero à esquerda”, nem um simples amontoado incoerente de práticas asilares. Além disso, a experiência da Liga também nos alerta para o risco que o psiquiatra corre sempre que se imagina como um “homem de ciência”, sem antes dar-se conta que é homem de seu tempo. Em suas críticas, Costa (1976) assinala:

“A psiquiatria brasileira persiste acreditando, ingenuamente, que Psiquiatria é ciência, e ciência é uma só. Por isso mesmo, abdica de refletir seu passado, insiste em ignorar seu presente e delega à Europa e à América do Norte a tarefa de pensar o seu futuro.” (p.12)

Seguindo o raciocínio de Jurandir Freire Costa (1976), em seu livro *História da Psiquiatria no Brasil*, é importante analisarmos as posições teóricas e as práticas engendradas pelos membros da L.B.H.M., às quais podemos ter acesso por meio dos artigos que puseram em circulação nos Anais da Liga Brasileira de Higiene Mental. Como destaca esse autor, esse exame evidencia que

“os psiquiatras da Liga acreditaram no mito da ciência psiquiátrica universal. Eles se concebiam habitantes do hermético reino das ciências, portanto impermeáveis às influências culturais. Por isso mesmo, esqueceram que eram indivíduos pertencentes a determinada classe social, com opiniões e valores próprios a determinado período histórico. Este preconceito levou-os a elaborar programas de higiene mental baseados na noção de ‘preservação eugênica’ nascida da psiquiatria nazista. Para eles, a eugenia era um conceito científico, logo inquestionável. Uma vez aceito o pressuposto, restava impor aos brasileiros as receitas da psiquiatria nazista.” (idem, pp. 12-13)

Nesse sentido, Costa (1976) destaca a importância de se estudar os programas eugênicos da L.B.H.M. e de questionar quais foram as versões psiquiátricas produzidas nos meios intelectuais da época. Seus estudos têm evidenciado a presença de alguns temas recorrentes: o antiliberalismo, o moralismo, o racismo e a xenofobia, os quais impregnavam, de certa forma, o pensamento eugênico. Os psiquiatras buscaram, deste modo, assumir o poder sobre a transformação da imagem da personalidade ética brasileira, tentando moldá-la de acordo com suas propostas, como vemos no trecho a seguir:

“Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a proibição da imigração dos indivíduos não-brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário-paternidade eugênico etc.” (idem, p. 13)

Acreditando que a doença mental era transmitida hereditariamente, postulavam que a única prevenção logicamente possível era o extermínio físico ou a esterilização sexual dos indivíduos doentes. Tal era a concepção que o espaço teórico da época produziu a respeito da idéia de “prevenção”, no campo da saúde mental.

Todavia, as propostas preventivas dos eugenistas não estavam formuladas sobre um terreno neutro ou livre de asserções morais. Antes, foram referenciadas e legitimadas por uma definição muito precisa do que é um ser humano normal; definição essa que guarda muitos pontos de aproximação com aquela proposta por Willian Glasser, em “Saúde Mental ou Doença Mental?” e que se explicita nos seguintes termos:

“O ser humano normal é aquele que funciona de forma eficiente, possui um certo grau de felicidade e realiza algo de valor para si próprio, dentro das regras impostas pela sociedade em que vive.” (1983, p.15)

A relação do psiquiatra com as teorias eugênicas teve, portanto, no início do século, como uma de suas principais características, a preocupação militante em patologizar os indivíduos dos quais se ocupava, resultando na marginalização científica, proporcionada pelos cuidados da higiene mental. Assim, foi preciso um reordenamento do espaço teórico circundante para que aquela experiência psiquiátrica fosse abordada criticamente. Nesse sentido, retomemos as colocações de David Cooper (1967):

“Acima de tudo, preocupei-me com a questão da violência na Psiquiatria e concluí que, talvez, a mais chocante forma de violência em psiquiatria é nada menos do que a violência da psiquiatria, na medida em que esta disciplina escolhe retratar e condensar sobre os pacientes que ela identifica a violência sutil da sociedade e que, com demasiada frequência, representa para e contra seus pacientes.” (p. 32)

Tendo a opinião de Cooper como representativa desse empenho crítico renovado sobre as concepções de saúde mental, penso que seria interessante, a partir daí, discutir a constituição do campo da psiquiatria infantil no Brasil, tomando por base a abordagem da teoria e das práticas sobre a infância de uma importante organização brasileira, a L.B.H.M., sobretudo na década de 20 a 40, quando atuou de forma mais efetiva.

“As primeiras décadas de nosso século assinalaram um crescente interesse pela situação da criança no mundo, interesse esse paradoxalmente acentuado após a primeira Guerra Mundial. A criança

torna-se problema de Estado. As elites, aí incluída a brasileira, preocupam-se com a questão demográfica, com a saúde das populações. Tempos de discursos eugênicos, paranóia de degenerescência.” (Schechtman, 1993, p.86)

Tomando como fonte os Anais da L.B.H.M., este trabalho tem como objetivo explorar o terreno muito fértil relativo ao fenômeno da criação da L.B.H.M. e sua contribuição para a constituição de uma concepção de infância e de práticas de intervenção sobre a infância considerada degenerada, com especial destaque para as práticas educativas, a partir das condições histórico-sociais da década de 20.

A este trabalho interessará não apenas proporcionar uma visão de conjunto das contribuições e conseqüências práticas da atuação da L.B.H.M. sobre a infância e sua educação, mas também identificar as raízes de alguns problemas e questões da área educacional ainda hoje sentidos nas instituições escolares.

Capítulo I

"A Época Da Hygiene Prophylatica"

As primeiras décadas do século XX assinalaram um crescente interesse pela situação da criança e seu papel no mundo, acentuado, como assinala Schechtman (1993), em função dos traumas do fim da primeira guerra mundial, momento em que a criança começa a ser vista como um problema de Estado. Segundo esse mesmo autor, outras questões permeiam a temática da infância, a demográfica, por exemplo, ligada diretamente à questão da saúde e à qualidade de vida da população.

Este cenário contribuiu para o nascimento de um *tempo de discursos eugênicos*, marcado por uma espécie de “paranóia da degenerescência”. Aliado a isto, a partir da década de 20, expande-se às instituições psiquiátricas, nos principais centros urbanos do Brasil. Instituições que passam a se constituir em “*uma das instâncias reguladoras do espaço social, extrapolando os limites asilares, construindo um saber psiquiátrico preventivo, ao qual se vincula o surgimento da psiquiatria infantil.*” (Schechtman, 1993, p.86)

A difusão do ideário da eugenia no contexto da nossa sociedade e a importância que assumiu nos meios intelectuais, destacadamente entre os médicos, tem suas origens vinculadas ao debate dessas concepções nos meios intelectuais europeus do começo do século XX. É importante assinalar que eugenia é um termo cunhado pelo fisiologista inglês Galton para designar “*o estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futura, tanto física quanto mentalmente*” (Costa 1976, p.30).

Precursor, entre os intelectuais que procuravam explorar de maneira sistemática os efeitos físicos e culturais considerados como responsáveis pela degenerescência, produzidos a partir da miscigenação das raças. Este movimento intelectual repercutiu significativamente sobre a intelectualidade brasileira, nas três primeiras décadas do século XX, momento no qual se percebe o crescimento de uma preocupação mais aguçada com relação a essa constituição étnica do povo brasileiro, e sua identidade. Como afirma Costa (1976):

“Os programas eugênicos da LBHM foram a versão psiquiátrica de temas culturais correspondentes em certos meios intelectuais dos anos 20-30. O antiliberalismo, o moralismo, o racismo e a xenofobia

impregnavam o pensamento eugênico dos psiquiátricos sem que se possa, no entanto, fazer coincidir, totalmente, esta última formulação com as elaborações políticas destes temas. A eugenia foi, assim, o instrumento de que os psiquiatras se serviram para participar da renovação cultural da sociedade brasileira, sem deixar de ser psiquiatras” (p. 131)

Na busca de compreensão da difusão desses programas eugênicos, devemos considerar o momento histórico em que essas idéias ganham força no Brasil. É inegável que a criação da L.B.H.M. e a difusão das idéias e práticas eugênicas encontram na Primeira República (1889-1930), período em que as questões sociais eram reduzidas a “caso de polícia”, corroborando os discursos e práticas autoritárias, um momento propício. Num cenário marcado por uma série de crises e tensões sociais, que ameaçavam colocar em xeque o próprio regime, a eugenia possibilitava a elaboração de explicações para as várias dificuldades econômicas e políticas da República, jogando as responsabilidades sobre o povo.

“Para estes intelectuais [os da Liga], uma das principais razões da crise atravessada pelo regime republicano encontrava-se nas condições ‘naturais’ constitutivas do estado brasileiro. O Brasil estava sacudido por revoltas sociais e crises econômicas, não por questões históricas ou políticas, mas, segundo eles, por causa do clima tropical e da constituição étnica do povo. O Brasileiro não tinha podido promover o desenvolvimento harmônico do país porque o calor e a mistura com ‘raças inferiores’ tinham-no tornado preguiçoso, ocioso, indisciplinado e pouco inteligente. Infelizmente, nada podia ser feito contra o clima. Em contrapartida, o problema racial podia ser resolvido.” (Idem, p. 36)

Um importante indício da materialização desse ideário pode ser encontrado na criação da Liga Eugênica, em 1917. Trata-se da primeira liga dessa natureza de que se tem notícia na América do Sul, criada pelo pioneiro médico paulista Renato Kehl, homem de grande influência no meio científico, o qual, com base na divulgação dos princípios dessa organização, estabeleceu um modelo que se espalhou rapidamente pelo país na década seguinte.

Os arquivos da Liga trazem um breve resumo publicado em Março de 1930 (Ver Anexo II) dos “esforços ingentes dos nossos neuro-psiquiatras”, onde se esclarece que:

"A hygiene mental nasceu nos Estados Unidos em 1908, quando se fundou em Connecticut, sob a inspiração de Clifford Beers, a primeira Sociedade destinada especialmente a tratar da prophylaxia o espírito. Dois annos antes, porém, já em 1906, Juliano Moreira, o grande mestre da psychiatria brasileira, em carta enviada do Egypto aos archivos Brasileiros de Psychiatria, previa a época da hygiene prophylactica no domínio desta especialidade.

Dez anos mais tarde, em 1916, Ernani Lopes, que fora como delegado do Brasil ao Congresso de Medicina Social de Tucuman, na Argentina, defende, pela primeira vez, na América do Sul em um trabalho sobre o "Tratamento dos doentes mentaes agudos nos hospitaes communs" a necessidade de assistir certos psychopathas curaveis sem os internar em manicômios propriamente ditos. Como se vê, eram os prodomos da idéia da hospitalização livre, dos ambulatorios psychicos e dos "serviços abertos" que sómente nos Estados Unidos se começava, então, a realizar." (ABHM, pp.69-70)

Sob o título *O Momento Internacional da Hygiene Mental*, o editorial de abril de 1930 participa, de forma efetiva, da constituição de um discurso que visa produzir o pioneirismo do Brasil nas iniciativas voltadas para a "higienização do espírito" e a vinculação desse campo às diretrizes traçadas pelos Estados Unidos. Afirmado que, dentre os países da América do Sul, coube ao Brasil a prioridade do movimento, o editorialista destaca que "*desde 1922 que se fundou no Rio de Janeiro a Liga Brasileira de Hygiene Mental*", tendo por fins prevenir as doenças nervosas e mentais dos indivíduos e tentar implementar no Brasil, como já se fazia nos Estados Unidos, um programa de "Hygiene Mental e Eugenética", no domínio das atividades individuais, escolares, profissional e social.

Segundo enfatiza, tal foi o impacto, na sociedade brasileira, desses objetivos fundadores que o reconhecimento veio no ano seguinte, por meio do decreto federal n. 4778, de 27 de dezembro de 1923, o qual já havia sido referida no editorial de março de 1930 (ABHM, anoIII, n.3, p.71), cujo tema era "A Hygiene Mental no Brasil". Este editorial foi marcado pelas intenções de esclarecer aos leitores quais eram as premissas desse movimento e, provavelmente, de persuadi-los acerca da sua importância e necessidade:

"Esta instituição que tem por fins prevenir as doenças nervosas e mentaes, proteger e amparar no meio social os egressos dos manicômios, melhorar progressivamente os meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentaes e, finalmente realizar um programa de Hygiene Mental e eugenética no domínio das actividades individual, escolar, profissional e social, esta Instituição, dizíamos, foi no ano

seguinte reconhecida de utilidade publica por decreto do Governo Federal, n. 4778 de 27 de dezembro de 1923".(ABHM, p. 71).

A difusão das idéias da Liga, sobretudo entre o público letrado, elegeu, como um dos seus meios, a publicação de um periódico, os *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, cuja principal ênfase recaía sobre a tentativa de legitimação dessa organização como a mais capacitada para realizar um eficiente programa de higiene mental. A análise dos '*Archivos Brasileiros de Hygiene Menta'l*', que já vem sendo feita por alguns pesquisadores, possibilita perceber, dentre outros aspectos, essa preocupação em constituir o pioneirismo dos "homens de ciência" brasileiros e, por outro lado, a influência dos teóricos dos Estados Unidos, um exemplo seria o de Clifford Beers.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que produz o pioneirismo do Brasil ante os países latino-americanos, o discurso que perpassa os editoriais não deixa de afirmar a primazia norte-americana no movimento de hygiene mental. Um exemplo patente dessa posição pode ser encontrado nesse editorial de março de 1930, no qual encontra-se um sugestivo relato da trajetória de, Clifford Beers, indivíduo que interveio na sociedade americana a ponto de empenhar-se na organização de uma verdadeira "cruzada" em favor dos insanos, tendo por parâmetro suas próprias vivências e experiências em manicômios.

Vejamos como, ao fazer a defesa enfática da relevância e importância da L.B.H.M., Mirandolino Caldas dá visibilidade à atuação de Clifford Beers:

"Por volta de 1900, Clifford Beers, um americano culto nascido e graduado em New Haven, viu-se acometido de uma psychose que o fez permanecer internado, durante cerca de 3 annos, em vários hospitaes e casas de saúde.

Ao reingressar no convívio social, Clifford Beers, ao invés de procurar esquecer os seus sofrimentos e dissipar a sua dor moral, Clifford Beers, empenhou-se na organização de uma cruzada em favor dos insanos.

Meditando sobre as occurrencias da vida triste dos manicomios e relembando a sua própria experiência, entregou-se Beers a esse verdadeiro apostolado.

Em 1908 publicou a sua autobiografia – 'A Mind That found Itself' – livro que se tornou celebre e com o qual conseguiu despertar a atenção dos neuro-psiquiatras do seu país para o movimento que tinha em mente realizar. Para isso muito lhe valeu o apoio do conhecido psychologo Willian James que escreveu a introdução daquela obra"

(ABHM, Editoriais: *O Momento Internacional da Hygiene Mental*.
Abril de 1930, n. 4, ano III, p. 113)

Reportar-se ao exemplo de Beers como apóstolo, possibilita ao editor conclamar os psiquiatras, tal como os apóstolos a abraçar a causa da higienização, de forma incansável. Não é por acaso que Caldas aproxima o comportamento de Beers do de um apóstolo, e muito menos é casual que essa referência apareça num editorial de tamanha importância e repercussão. Vemos que o objetivo era atingir e recrutar o maior número de “homens de ciência” possível, o que redundaria na possibilidade de existência, também no Brasil, de um contingente maior de interessados em se dedicar à causa da “prophylaxia”, abraçando-a como se fosse a sua própria causa e, a partir daí, procurando intervir de maneira efetiva na sociedade. É interessante notar, além da ênfase nesse ponto, a referência aos nomes de três grandes psiquiatras (Ernani Lopes, Juliano Moreira, Gustavo Riedel), dando a entender que eles, assim como Beers, souberam exercer a mesma função apostolar para com a causa da Liga.

Na análise da atuação da L.B.H.M., não podemos deixar de esclarecer que ela era dirigida por psiquiatras e composta de elementos dos mais representativos cargos da classe médica, além de juristas, educadores, jornalistas, entre outros. Com todo esse quadro, podemos afirmar que a Liga buscava se constituir no grande centro de propaganda a favor da “prophylaxia mental”.

Vale registrar que, dentre esses profissionais, estavam, por exemplo, Juliano Moreira e Henrique Roxo, que eram referidos nos *Archivos* como sendo “os dois grandes expoentes da psiquiatria indígena” (ABHM. *A Hygiene Mental no Brasil*, ano III, março de 1930, n. 3, p. 71.), ao lado de Gustavo Riedel, Plínio Olinto, Ernani Lopes, Mauricio de Medeiros, Afrânio Peixoto, E. Esposel etc. Dirigiam e encabeçavam campanhas, cada qual em seu próprio campo de ação e, da mesma forma que Beers, imbuídos da esperança de conseguir mudar, de certa forma, a realidade à sua volta. Vejamos como as iniciativas desses profissionais são referidas nos editoriais:

“Dirigiam campanhas. Cada qual em seu campo de acção; uns, procurando aperfeiçoar, nos hospitaes que dirigiam, os methodos de tratar e assistir aos insanos; outros doutrinando na cathedra; outros, pregando pelas columnas da imprensa; outros, emfim, procurando despertar o interesse pelo assumpto nas sociedades e Congressos scientificos.” (ABHM, 1930, p. 71)

Maria Clementina Pereira Cunha (1986), aponta para o caráter filantrópico e disciplinar das organizações civis, aspecto fundamental no estudo das iniciativas que redundaram na criação da L.B.H.M.:

"a década de 20 no Brasil é pródiga em exemplos de ligas associações e entidades civis voltadas para o esboço destes 'meios' e a divulgação de seus princípios. Pioneiro é o médico paulista Renato Kehl, que funda na capital de São Paulo, em 1917, a primeira Liga Eugênica da América do Sul, modelo que se espalha rapidamente pelo país na década seguinte. Instituições são relativamente fáceis de serem encontradas: ligas anti-alcoólicas, ligas de educação sexual, união pró-temperança, entre outras (...) se a ligas eugênicas foram o espaço central de gestação destas propostas ao nível da medicina social, as ligas de Higiene Mental, entidades de direito civil, constituem seu complemento no campo da psiquiatria." (pp. 166-167)

Assim, como nos ensina Cunha (1986), se a ligas eugênicas foram o espaço central de gestação destas propostas no âmbito da medicina social, as ligas de Higiene Mental, entidades de direito civil, constituem seu complemento no campo da psiquiatria. Suas temáticas eram, aliás, bastante aproximadas, pois vemos que, em ambos os casos, questões como a sífilis, o álcool, o trabalho e sua regulamentação, a sexualidade, a família e até a produção artística e cultural aparecem como eixos de apreensão da problemática social, ou então, como questões básicas a serem enfrentadas. Ambas também se propunham a ultrapassar os limites estritos da corporação a que pertenciam originalmente; pretendiam não apenas uma intervenção de caráter técnico, mas, sobretudo, uma efetiva ação de cunho político e social e, na maioria das vezes, parecem ter conseguido este intento:

"a 'medicina do futuro', ao apresentar as questões sociais e políticas como se fossem passíveis de um enfrentamento técnico que superasse as agonias da luta de classes, parecia uma perspectiva idílica e desejável, tanto para os médicos quanto para uma intelectualidade que se encantava, nos anos 20, pelo canto-de-sereia do pensamento totalitário". (Cunha, 1986, p.167)

Eugenistas e alienistas declaravam-se, pois,

"confortados em saber que a elite intelectual do nosso país está ao nosso lado, protegendo-nos com sua adesão e seu apoio moral - afirmação corroborada pelos nomes ilustres que figuram honorária e efetivamente nos quadros da LBHM. Na década de 20, no entanto, as Ligas de Higiene Mental se ressentem e o reafirmam em todas as suas

publicações, necessitavam de um apoio oficial mais efetivo.” (Cunha, 1986, pp.167-168)

Criada em 1922, após o retorno de Gustavo Riedel, que representava o Brasil no Congresso Latino-americano de Higiene Mental realizado em Havana, a L.B.H.M. tinha sede na capital da República (Rio de Janeiro), sendo declarada de utilidade pública no ano seguinte à sua criação. Já em 1925, passa a receber doações orçamentárias do Governo Federal e do município do Rio de Janeiro como consta no “Relatório apresentado na Assembléia Geral Ordinária de marco de 1929” (Cf. Ernani Lopes, In:ABHM, ano II, n. 1, outubro de 1929, pp. 27-38.), além de verbas particulares, sobretudo empresariais, as quais, ao que parece, destinavam-se a viabilizar, esporadicamente, um ou outro projeto levado a cabo pelos psiquiatras da Liga. Como exemplo da destinação dessas verbas particulares, temos o episódio da contratação e “importação” do especialista em tecnologia de Varsóvia, para desenvolver projetos com seleção de operários fabris, financiados pela Fundação Gaffré-Guinle. Nos anos seguintes, no entanto, essa subvenção desaparece ou diminui sensivelmente, acarretando a interrupção de projetos, a suspensão do periódico, o congelamento das atividades que não contavam com financiadores específicos.

A história da L.B.H.M. pode ser dividida em dois momentos, já que a partir de 1926, os psiquiatras começaram a elaborar projetos que ultrapassam as aspirações iniciais da corporação e que haviam se voltado, nesse primeiro momento, para a prevenção, a eugenia e a educação dos indivíduos .

Até esse ano, conforme demonstram os estudos de Costa (1976) e Cunha (1986), a prevenção, a eugenia e, conseqüentemente, a educação dos indivíduos, eram concebidas como atividades que os psiquiatras exerciam única e exclusivamente no interior dos estabelecimentos psiquiátricos, configurando-se, dessa forma, a prevenção em um dos desdobramentos da medicina orgânica. No segundo momento, que se delineia em 1928, a L.B.H.M. reformula os primeiros estatutos de 1923 e dá, a partir de então, um lugar importante à intervenção preventiva dos psiquiatras nos meios escolares, profissional e social.

“Por conseguinte, ao longo do período que se estende de 1926 a 1930 a eugenia permanecia um simples modo de prevenção da doença mental. As noções de melhoria e aperfeiçoamento da raça não

englobavam os indivíduos sadios psiquicamente. A raça era compreendida como o conjunto dos indivíduos normais.” (Costa, 1976 pp.45-46).

Depois do Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929, reforça-se a influência e a dependência teórica da L.B.H.M. em relação à psiquiatria alemã, passando-se a adotar como exigência, por exemplo, que o

“médico encarregado de assistir os doentes mentais devia ser eugenista antes de ser um psiquiatra. Sua preocupação maior devia ser a saúde da raça, não a do indivíduo.” (Costa, 1976, p.50).

A eugenia, a partir desse momento, passou a ser considerada “higiene social da raça”, passando a higiene mental a ser entendida como uma aplicação dos princípios da vida social, com base em uma nova concepção de indivíduo. Criou-se, a partir desse deslocamento, a noção de um indivíduo – concebido muito mais como animal, do que como um sujeito de direitos sociais -, que devia submeter-se a um Estado – visto como defensor da raça -, criticando-se, a par desses postulados, a feição política do estado brasileiro. Já que, por um lado, se rejeita a idéia de que o indivíduo se define pela sua relação com a cultura, visto que ele é obstinadamente considerado como um animal e, por outro lado, identifica-se comodamente a noção biológica de raça ao Estado, desconsiderando-se que essa é uma noção puramente cultural e política. Nesse sentido, Jurandir Freire Costa (1976) observa

“que os programas de higiene mental da LBHM no seu segundo período (higiene mental enquanto higiene social da raça) constituem um exemplo da influência dos modelos culturais de pensamento sobre o pensamento psiquiátrico.” (p.132)

Esse distanciamento entre a teoria e a prática psiquiátrica corrente, se acentua no período que vai de 1928 até 1934, momento em que os psiquiatras passaram a se definir muito mais como higienistas, e a “pregar” a invasão do campo social pela higiene mental. Vemos, então, que a eugenia constituiu-se, dessa maneira, no artefato conceitual que permitiu aos psiquiatras dilatar as fronteiras da psiquiatria e abranger, por consequência, o terreno social, (não nos esqueçamos do exemplo de

Clifford Beers e do chamado da Liga para uma maior intervenção do campo social); objetivo que, nas análises desses profissionais, estava em vias de ser alcançado.

Sobre essa questão da assimilação, por parte dos psiquiatras da L.B.H.M., do método de higiene mental europeu e norte-americano, Jurandir Freire Costa (1976) esclarece que

“todo item cultural, uma vez transposta a fronteira de sua cultura de origem, sofre transformações. A cultura só o adota depois de havê-lo integrado a uma matriz de significações, que lhe é própria e peculiar. As teorias psiquiátricas européias e norte-americanas nunca foram, nem nunca serão, incorporadas à cultura brasileira, sem antes serem submetidas a modificações. Esta evidência tem sido negada ou subestimada até nossos dias. A psiquiatria brasileira persiste acreditando, ingenuamente, que psiquiatria é ciência, e ciência é uma só. Por isso mesmo, abdica de refletir seu passado, insiste em ignorar seu presente e delega à Europa e à América do Norte a tarefa de pensar o futuro.”(p. 12)

Capítulo II

Os Archivos: legitimação da profilaxia mental e eugenia

Para a consolidação, expansão e difusão do ideário da Liga, “o periódico” configurou-se em um veículo essencial. Com a publicação dos *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, a Liga dá cumprimento ao § 4º. do art. 2º. dos seus respectivos Estatutos, segundo o qual ela deveria, “*para consecução dos seus objetivos, publicar periodicamente os seus trabalhos em revista por ela mantida*” (ABHM. Apresentação, 1925, ano I, n. 1.)

Os Archivos foram publicados duas vezes em 1925, contudo o propósito da diretoria da organização era publicá-los com mais frequência nos anos seguintes. Todos os artigos que compõem a primeira parte do periódico são inéditos e escritos pelos associados pertencentes às “secções técnicas” da Liga; o critério adotado pela direção para definir a ordenação dos vários artigos foi estritamente o das datas de sua entrega, evitando-se, aparentemente, dar ênfase ou privilégio a determinados assuntos ou especialistas, pois, segundo se afirma, o periódico pretendia não ser apenas um repositório das publicações sobre higiene mental em seu meio, mas também, na medida do possível, criar “*um núcleo de atracção de proselytos*”, para que houvesse uma colaboração efetiva na campanha pela hygiene mental, “*que com justo direito aspira tornar-se a moral universal de amanhã*” (idem)

Evidentemente, a eficiência do periódico, como órgão de difusão das idéias da Liga, só seria garantida por meio de um número crescente dos “*que queiram trazer o seu concurso para a grande tarefa social emprehendida*” (idem). No desempenho dessa tarefa, prevaleceria a orientação de que essa publicação não deveria se limitar a ser uma revista científica, mas estava destinada a orientar os que desejassem “*collaborar na campanha pela hygiene mental*”, visto que os boletins e prospectos de propaganda já estavam, a partir de então, acessíveis à sociedade, com o propósito de “*diffundir nas camadas populares as normas de hygiene neuro-psichica já sancionadas pela ‘unanimidade dos especialistas’*”. (idem)

A correspondência dirigida à redação deveria ser encaminhada ao Dr. Ernani Lopes, diretor de publicações, para o Pavilhão Argentino da Exposição ou para a rua das Laranjeiras nº. 211, Rio de Janeiro. O número avulso dos Archivos poderia ser adquirido por 5\$000, e o número atrasado, por 7\$000 (pelo menos no período correspondente a 1925-1930).

O periódico era organizado na seguinte ordem:

primeiro vinham os “Editoriais”; depois os “trabalhos originaes”; uma secção “Contra o alcoolismo: Em favor da Hygidez Mental”, que era uma secção permanente; acompanhada de uma secção destinada a “Resenhas e Analyses” de trabalhos que estavam sendo escritos e que tinham caráter de divulgação de idéias higienistas; uma “Secção de Informações Bibliográficas”; “Secção de Informações Neuro-Psiquiabras” (ou neuro-psiquiátricas), que nasceu a partir de 1930; “Trabalhos de Anti-alcoolismo”; uma secção de “Noticiário”; e uma onde se publicavam as “Actas e trabalhos da Liga”.

Na relação dos membros titulares da L.B.H.M., publicada em 1925,¹ no item VIII – “Secção de propaganda e publicações”, figuram: Dr. Alberto Gotuzzo, alienista chefe do Hospital Nacional de Alienados; Dr. Amadeu Fialho, chefe do serviço no Departamento Nacional de Saúde Publica; Dr. Elmano Cardim, advogado e jornalista; Dr. Veiga Lima, médico e jornalista; Dr. Goulart de Andrade, membro da Academia de Letras e jornalista; Dr. Renato Toledo Lopes, advogado e jornalista; Dr. Horacio Cartier, jornalista; Dr. Ranulpho B. Cunha, deputado federal; Dr. Wladimir Bernardes, advogado e jornalista; Dr. Alfredo Neves, jornalista e chefe do Serviço de Pediatria do Ambulatório Rivadavia Correa.

Sendo que o diretor de publicações era o Dr. Ernani Lopes, e o tesoureiro-procurador, Antonio Prestes, Psychologista era o Prof. W. Radeeki com sua assistente na pessoa da Sra. Radeeki; psiquiatra responsável Dr. Gustavo Rezende; como neurologista Dr. Ignácio da Cunha Lopes.

Analisando as secções do periódico, vemos que, por exemplo, a “Secção de Informações Neuro-psiquiabras” faz um recorte para elucidar que, a partir desse número, eles atenderiam a correspondência de colegas médicos, principalmente aqueles que residiam no interior do país, ressaltando que aqueles profissionais tinham uma necessidade específica, na medida em que *“encontram, não raro, serias dificuldades em acompanharem as novidades relativas aos methodos therapeuticos e prophylacticos, das doenças nervosas e mentaes”*. (ABHM, 1930, p. 140).

Tendo em vista difundir os ideais dessa “moral universal do amanhã”, seria necessário arregimentar o vasto número de especialistas colaboradores da Liga disponíveis para ajudá-los no que viesse a ser necessário. Com relação à proposta

editorial dos *Archivos*, cabe assinalar que o periódico não deveria se constituir num repositório de indicações infalíveis, devendo, antes de tudo,

“lembrar recursos que por ventura, ainda não tenham sido empregados, e que estariam disponibilizando as ultimas aquisições científicas nos domínios da ‘hygiene mental e da neuro-psychiatria’, e propiciar uma maior troca de conhecimentos entre os diversos especialistas e médicos. Uma das propostas era de que os interessados nesse verdadeiro ‘intercambio’ científico deveriam escrever para a redação do periódico, anexando ‘um resumo da historia clinica do doente, salientando os pontos duvidosos do diagnostico e declarando qual a therapeutica, ate então, empregada’”. (ABHM, 1930, p. 140)

Isso, com a garantia de que, no número seguinte do periódico, sairia uma espécie de resposta, com a opinião dos especialistas da Liga. Para tanto, era necessário que as cartas fossem escritas em letra bem legível, trazendo a assinatura do médico (aspecto indispensável) e, ao lado desta, entre parênteses, o pseudônimo para as respostas, além da indicação clara e legível do endereço. Na ocorrência de algum caso urgente que exigisse uma resposta mais imediata, e se esta fosse solicitada pelo médico, a direção se dispunha a atender tal solicitação, enviando a resposta por carta com a maior rapidez possível, independente da publicação do próximo número do periódico.

Pensando ainda sobre esse aspecto do periódico, vemos que não foi por acaso que a L.B.H.M. publicou, no primeiro ano de circulação dos *Archivos*, a “Relação dos Sócios Titulares da Liga Brasileira de Hygiene Mental”, a qual se configurava numa espécie de garantia, para os leitores, de que o periódico não era leigo, ou seja, que se tratava de uma publicação que merecia crédito. Organizada por áreas temáticas, essa relação apresentava os membros honorários, membros beneméritos, presidentes de honra, os profissionais da secção de dispensários e egressos dos manicômios, secção de deficiência mental, secção de serviços sociais e legislação, secção de delinquência, secção de educação e trabalho profissional, secção de ensino de neuro-psychiatria, secção de medicina militar, secção de propaganda e publicações, secção de puericultura e hygiene infantil, secção de medicina geral e especializada em suas relações com o sistema nervoso, secção de cirurgia geral especializada em suas relações com o sistema nervoso, secção de medicina legal, indigência e vadiagem e, ainda, por membros da comissão executiva

central, conselho executivo, delegados regionaes, membros correspondentes e membros honorários estrangeiros.

O periódico (ABHM) cumpria uma importante função, no âmbito das estratégias de intervenção gestadas pela Liga, na medida em que possibilitava integrar os especialistas do Brasil, a fim de estabelecer planos de um movimento mais coordenado e eficiente em favor da profilaxia mental, por meio de uma troca mútua de informações e experiência, como pela discussão dos problemas individuais e sociais decorrentes das doenças nervosas e mentais e, por outro lado, das deficiências e inaptações mentais e emocionais do indivíduo em relação ao seu meio pessoal e social.

Por intermédio dos *Archivos*, a Liga tentou despertar maior interesse no país pela higiene mental, buscando, por essa via, assegurar a aceitação da idéia de que as doenças mentais podem, em sua grande maioria, ser evitadas. Tal estratégia se respaldava num conjunto de argumentos que buscavam justificar a importância do aumento de despesas em benefício da saúde mental, quer por parte do governo, quer por partes dos filantropos, cujos resultados se expressavam no considerável número de vidas que se salvavam para atividade produtiva. Argumentos esses que se articulavam no sentido de apresentar as posições da corporação como uma excelente forma de gestão das políticas públicas, uma vez que a prevenção seria o melhor método para mudar os aspectos atuais dessa questão.

Órgão oficial de difusão das idéias da Liga, o periódico configurou-se em uma eficiente estratégia acionada com vistas a abrir nos meios culturais brasileiros *“a senda por onde pudessem enveredar, crescer e fructificar as idéias de hygiene mental e eugenia, que substanciaram o programa dessa instituição”*. (ABHM, Editorial. In: Costa, pp. 29-30) Estratégia essa que se desdobrou em diferentes dispositivos, dos quais os editoriais são um exemplo. Nesse sentido, vejamos a posição do médico J. P. Fontenelle, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e colaborador da Liga, a qual coloca em foco a corporação e suas publicações, responsabilizando-a por levar à frente todo o programa referente à higiene mental no país.

“À Liga Brasileira de Higiene Mental deve caber a centralização e coordenação de todos os esforços, ficando carregada de agitar permanentemente o problema, por todo o paiz, e propagando os meios tendentes a para resolvel-o. O Departamento Nacional de Saúde Publica

e as repartições sanitárias estaduais e municipais não precisam, nem devem, por ora organizar secções especiaes de hygiene mental, mas apoiar a acção da Liga e cooperar nas medidas que directamente estão dentro do programa que já executam ou que lhes incumbe inilludivelmente executar". (Noticiário. A contribuição de Hygiene Mental no 2º Congresso Brasileiro de Hygiene, In: ABHM, ano1, n. 1, março, 1925, p.195)

O ideário que imperava no surgimento da Liga e que se explicita nos *Archivos* reveste-se do carácter de uma missão nacionalista e regeneracionista, que permeava a definição do campo de ação dos higienistas, a qual tinha, como tema prioritário, a necessidade de “*garantir a defesa da mentalidade da raça*”, por conta do melhoramento da mesma, numa busca obstinada de uma constituição da autêntica nacionalidade. Tal empreendimento regeneracionista se pautava no combate ao alcoolismo e aos “vícios sociais”; na imigração; na seleção e orientação dos profissionais; no controle dos casamentos; na esterilização compulsória dos ditos degenerados, como também, nos propósitos de dar atenção à infância, para que ocorra um desenvolvimento mental sadio e eugênico por parte dos que seriam o futuro da nação.

A análise dos *Archivos* permite perceber, também, que houve uma mescla de objetivos dentro da corporação, expressa, por exemplo, na publicação dos Estatutos. Documento que explicita como objetivos:

Prevenção das doenças mentais pela observação dos princípios da hygiene geral e especial do sistema nervoso;

Proteção e amparo, no meio social, dos egressos dos manicômios, como também dos doentes mentais passíveis de internação;

Aprimoramento progressivo dos meios de assistir e tratar os “doentes nervosos e mentais” em asilos públicos, como também nos particulares e fora deles;

Realização de um programa de hygiene mental e eugenia que abrangesse todas as atividades humanas (individuais, escolares, profissionais e sociais) idealizadas pelos diversos especialistas, e que estivessem ligadas, direta ou indiretamente, à busca de melhorias na assistência psiquiátrica dada aos doentes “nervosos e mentaes”, tanto dentro quanto fora do asilo, do ponto de vista da hygiene mental propriamente dita. Programa esse que deveria se configurar em um

"tipo de intervenção de caráter médico-social, com indicações preventivas e eugênicas" e cujo raio de ação amplo deveria atingir as *"atividades individual, escolar, profissional e social"*. (Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental. In: ABHM, anoII, n.1, outubro de 1929)

Dessa forma, o Estatuto expressava aquilo que era compreendido como um programa completo de higiene mental, acompanhando, assim, as diretrizes definidas no Congresso Médico Latino-americano, realizado em Havana. Congresso do qual, como já vimos, Riedel retornaria disposto a fundar uma *"instituição de medicina social"* e que acabaria aperfeiçoando e aprofundando o trabalho que vinha sendo realizado no Instituto de Profilaxia Mental do Engenho de Dentro.

Contudo, o aparecimento da Liga justamente nesse período, não é um fenômeno isolado, ao contrário, nesse mesmo período de reavivamento nacionalista, surgem com o crescimento dos setores médios urbanos, impulsionados pelo avanço industrial, que pode ser observado no decorrer da Primeira Guerra, vários outros movimentos nacionalistas, todos apoiados em um programa, que diríamos, era de certa forma progressivo e militante com relação ao combate dos males do país (subentende-se aqui os indivíduos degenerados que precisavam ser higienizados). Dentre eles, destacaremos alguns:

Liga de Defesa Nacional (1916); Liga Nacionalista (1919); Ação Social Nacionalista (1920), isso sem contar os periódicos Gil Blas, Brasiléia, Revista do Brasil², os quais surgem nesse contexto, onde se buscava uma solução científica e originalmente autônoma aos diversos problemas por eles diagnosticados e que afligiam a nação brasileira, a qual era vista como a maior *"vitima de todo tipo de males, que os setores médicos brasileiros se mobilizam em torno de medidas que exigiam a intervenção do estado visando a solucionar a precária situação da saúde pública no Brasil, condições de possibilidade, na ótica desses médicos, de construção da nação"* (ABHM, In: Reis, p. 52), e que só seria efetiva se tivesse à intervenção da profilaxia mental e da eugenia.

Capítulo III

Educação, Infância e Anormalidade

Qual o enfoque dado à assistência à infância nos saberes produzidos na década de 20? Qual o papel da Liga na produção desses saberes? Um dos eixos assumidos pela tematização dessa questão foi a recorrente preocupação em relação à mortalidade infantil, à qual se juntavam propostas mais amplas, expressas em um projeto mais geral de saneamento e que tinha como intuito garantir que o Brasil atingisse a civilidade e a modernidade. Projeto esse que se expressava num apelo à educação, como antídoto para todos os tipos de males.

A partir disso, analisaremos algumas das posições da Liga, com enfoque educativo, o qual se justificava em função da constatação, por parte dos especialistas, da incivilidade de nosso povo e que redundaria na afirmação da intervenção da higiene mental, tendo em vista corrigir e aperfeiçoar os degenerados. Como vimos nos capítulos anteriores, as práticas de higiene mental já estavam sendo consolidadas pelos teóricos da Liga no âmbito educacional, com ênfase sobre a infância, para trilhar o caminho para o futuro profilático da higiene mental.

Com o enfoque no progresso da nação, reservou-se à educação, baseada nos princípios eugênicos, a função mais essencial na formação eugênica da raça, como veremos nesse trecho que se segue, extraído do artigo do Dr. J. V. D'Oliveira Esteves, intitulado *A Saude Mental nos Escolares* que se encontra na seção reservada para "Resenhas e Analyses" e que foi publicado em julho de 1930:

"Tudo mostra, pois, que a escola deve ser posta em condições de contribuir utilmente para a obra da profylaxia mental. Isso poderá ser obtido, preparando, em primeiro lugar, o professor para essa nova função que lhe incumbe.

É certo que a educação das creanças anormaes deve constituir uma espectralização didactica. Ter preparo sulficiente para 'reconhecer' o anormal, será, entretanto, dever de todo e qualquer professor".

(ABHM, pp. 254-255, ano III, n. 7)

Vemos que a proposta para melhorar e elevar o padrão de saúde mental nos escolares se baseia na ação conjunta, do saber médico com a prática dos professores.

Tematizando a questão da “Hygiene mental nas escolas”, o periódico publica, em 1929, na secção de “Actas e Trabalhos da Liga”, um extrato, elaborado pelos redatores, de conferência proferida pelo Dr. Martim Bueno de Andrade, em que este defende as grandes vantagens de existirem psiquiatras na inspeção médica escolar:

“A noção fundamental de que a vida psychica, synthetizando todas as funções adaptativas do individuo ao ambiente, é a única base scientifica em que podem repousar os systemas pedagogicos, hygiene mental o campo em dos escolares psychicamente anormaes, lembrando que ainda não possuimos no Brasil nenhuma estatísticas a respeito, mas que o número d’elles deve exceder o de não poucos paizes estrangeiros, em vista dos multiplos factores convergentes em nosso meio para tal resultado (verminoses, impaludismo, heredo-lues, etc.). Quando pensamos, diz, que esta população está, em sua maior parte, infestada de vermes intestinaes, comprehende-se a razão por que, em geral, fracassam ali todos os mais aperfeiçoados methodos pedagogicos e esmorecem os enthusiasmos das professoras que iniciam suas carreiras nessas escolas.” (ABHM, Andrade, 1929, p.111)

Dr. Martim acentua que as medidas preventivas podem ser aplicadas com maiores probabilidades de êxito a partir do momento em que essas medidas foram inseridas na escola primária onde, segundo ele, vão todos os “*typos de mentalidades*”, as quais, estando em suas primeiras fases evolutivas, apresentariam para os objetivos da hygiene mental um campo vasto e fértil para a implementação da profilaxia mental desde a primeira infância. Nesse sentido, Dr. Martin, defende a necessidade de um campo de estudo que se volte para essa questão dos “escolares psychicamente anormaes”. No resumo sobre a conferência, o redator ressalta o fato de,

“que ainda não possuimos no Brasil nenhuma estatística a respeito, mas que o numero d’elles deve exceder o de não poucos paizes estrangeiros, em vista dos multiplos factores convergentes em nosso meio para tal resultado (verminoses, impaludismo, heredo-lues, etc.)” (idem, p. 111)

A partir dessas questões se legitima a ação da saúde pública nos meios escolares, através da aplicação de medidas preventivas e de adaptação dos sistemas pedagógicos aos tipos de mentalidade dos alunos, tudo isso ancorados claro, de acordo como o esquema de Kretschmer, ou escalas de medidas como a 'Binet e Simon' Que possibilitava aos professores "definir aptidões dos indivíduos invstigados para determinadas preocupações práticas" (ABHM, Radeeki, 1925, p.14), além

desses testes os educadores recebiam questionários para fazerem uma avaliação mais aprofundada sobre questões que para os higienistas eram primordiais que fossem medidas, tais como: "sensibilidade sensorial; atenção; discriminação; memória; imaginação; pensamento; vida affectiva; vontade." (idem, p.14)

Esses testes tinham por objetivo ajudar os educadores no diagnóstico de seus alunos, uma vez que foi constatados pelos higienistas que o fracasso escolar estava diretamente relacionado com fatores fisiológicos:

"Quando pensamos, diz, que esta população está, em sua maior parte, infestada de vermes intestinaes, comprehende-se a razão porque, em geral, fracasam ahi todos os mais aperfeiçoados methodos pedagogicos e emorecem os enthusiasmos das professoras que iniciam sua carreira nessas escolas" (ABHM, Andrade, 1929, p.111)

Segundo Vera Regina Beltrão Marques (1992), o ideal eugênico, e sanitaria se baseavam numa ótica positivista, segundo a qual,

"Regenerar pela educação passara a ser a tônica do discurso educativo dos anos 20 que colocava a escola com seus rituais como espaço aberto para as reformas morais e intelectuais propostas pelos republicanos, os quais, desde Caetano de Campos, entendiam que era necessário instruir o povo para que se conquistasse a cidadania, pois somente o conhecer proporcionará vencer e progredir, fazendo do país uma nação civilizada - princípio constituinte de todos os povos modernos, numa ótica positivista." (pp.86-87)

Como destaca Jacques Donzelot (1980), em *"A Polícia das Famílias"*, há uma necessidade intrínseca, no projeto de intervenção forjado pelos higienistas nesse período, de entrar no seio familiar. Seus estudos, calcados nas análises foucaultianas, possibilitam identificar um campo de práticas que podem ser consideradas como diretamente portadoras de transformações da instituição familiar (práticas que investem sobre o corpo, a saúde, as formas de se alimentar e de morar, as condições de vida, o espaço completo da existência, entre outras) permitindo, desse modo prescrever um lugar para a família na história da nação, naquele momento.

Esse tipo de pensamento prescritivo, racista e discriminatório aparece muitas vezes nos *Archivos*, na medida em que a pessoa vista como doente mental perdia o direito sobre si, transferindo-se o "poder" para os detentores do saber psiquiátrico, pois:

“o ‘doente mental’ aqui faz parte da mesma marginalia representada pelos delinqüentes, quando ele provém de classes sociais inferiores. Ainda temos manicômios mantidos pelo Estado que são verdadeiros atentados à dignidade de qualquer ser humano. Depósitos de pessoas, em tais instituições os internos permanecem promiscuamente um misturados, nus, entre fezes e dejetos, relegados à condição de quase coisa, à espera da morte. O que ali se faz, geralmente, é dopar o tempo todo os internos considerados mais perigosos, para que fiquem quietos, vegetando sua agonia lenta. Nossos ‘doentes mentais’ recebem hoje um tratamento muito semelhante ao recebido pelos prisioneiros recolhidos às masmorras da Idade Média.”(Duarte Júnior, 1983, p.76)

É importante ressaltar que quando analisamos esses aspectos, vemos que a Liga agia por meio de práticas discursivas, forjadas em elementos teóricos que acabavam reforçando o âmbito do conhecimento e da racionalidade, as técnicas de dominação. Estes elementos de que falamos perpassam as suas publicações e eram compostos, basicamente, de enunciados apresentados como científicos, concepções filosóficas, figuras literárias, a exemplo do Jeca Tatu, princípios religiosos, normativos, todos articulados segundo os interesses e táticas do poder e do controle sobre a população.

Assim, faz-se necessário um esclarecimento acerca dessa questão, uma vez que a Liga dispunha também de práticas não discursivas que são formadas por todo conjunto de instrumentos, configurados como dispositivos que se articulavam como técnicas físicas de controle corporal, e também regulamentos administrativos de controle do tempo dos indivíduos ou das instituições, técnicas de organização dos espaços arquitetônicos, bem como técnicas de criação de necessidades físicas e emocionais nos indivíduos “objetos” do olhar eugênico.

A combinação desses aspectos discursivos e não discursivos e, conseqüentemente desse determinado tipo de regras que permeavam as suas ações práticas, possibilita confirmar e consolidar seu poder normatizador, como podemos ver nesse texto escrito em 1929 pelo então vice presidente da Liga, o Prof. Dr. Julio Porto-Carrero, no qual ele descreve o papel que vinha sendo desempenhado pela família. Cabe ressaltar que esse artigo sobre a família pode ser considerada exemplar, na medida em que possibilita apreender os contornos da organização familiar proposta pela Liga.

Apelando aos educadores engajados nessa obra de reorganização de uma instituição que até então era tida como caótica, Dr. Porto-Carrero (vice presidente da Liga em 1929), em um artigo escrito por ele sobre educação sexual onde compõe, a partir das características das crianças, ao chegarem à escola, a figura de “*verdadeiros monstrengos*”.

“(...)E assim recebes na escola esse monstrengo fabricado no lar: cabeça cheia de cegonhas que trazem meninos, de crianças vindas da Europa em cestos ornados de fitas; animo angustiado ante o mysterio dos orgãos sexuaes e suas funções; temor intimo, temor profundo da autoridade e coração affeito ao sonho e ao devaneio. Ajuntai tudo isso a fantasia encrementada pelos contos de fadas, que incentivam a confiança na providencia das fadas e incutem no espirito a horrorosa injustiça dos maléficos de bruxas, sacys, ogres e paões. Ahi está o material humano que vos entregam para corrigir e aperfeiçoar”. (ABHM, 1929, p.123)

Nesse mesmo artigo é relevante considerarmos a ênfase dada à reeducação não somente das crianças, mas também da família, principalmente no que diz respeito à educação sexual, assunto muito polêmico e discutido em artigos da Liga, uma vez que a família, na visão higienista, perverte a criança e sua mente fazendo-a agir incorretamente. É nesse ponto que entraria a educação profilática, com seu papel normalizador, o qual já vinha se definindo no âmbito das discussões da Liga, quando se tematizava o papel da instituição escolar.

“A vossa obra deve começar pela educação dos paes, que se faz directamente pelos circulos d paes e mestres ou indirectamente, por via do proprio alumno.

Não é necessário encarecer-vos o valor dessa educação retroactiva dos circulos de paes e mestres, que, se bem tenha o demerito de ser tardia, consegue, entretanto, em muitos casos, corrigir as falhas das escolas antigas. Por ella modificareis o ambiente do lar, corrigireis os defeitos da educação, desde a primeira infância, onde já os vicios da amamentação preparam as perversões futuras. Por ella conseguireis talvez que se mudem em atenção, carinho e verdade a displicencia, a repulsa, a mentira com que os paes saem acolher as perguntas ingenuas dos filhinhos.” (idem, p.124)

É fundamental assinalar que a proposta educativa da L.B.H.M., por sua vez, estava totalmente calcada no saber psiquiátrico produzido no âmbito dessa

corporação. Exemplar dessa filiação é o grande esforço, por parte da Liga, na divulgação da conferência “Grandes vantagens de existirem psychiatras na inspecção médica escolar”, com o intuito de reforçar, de maneira mais efetiva e ampla, a validade dos preceitos psiquiátricos na educação nacional e no progresso da mesma. E, evidentemente, com o intuito de intervir usando um discurso típico da chamada “*medicina doméstica*” para viabilizar a reorganização das famílias, via educação, a partir da conservação e reeducação das crianças. Assim, quando chegasse o momento

“De retorno ao lar, a criança a quem houverdes aberto os olhos, sem malícia nem falso pudor, ingenuamente contará o que se sabe, renegará as falsidades que lhe haviam ensinado e não dará azas ao devaneio e á fantasia.(...)”

E que o vosso amor substitua o amor dos paes - o que, se, a principio pode parecer monstruosidade, em todo caso é melhor do que o caminho errado que levará um dia ás perversões, ao crime, á prostituição. O futuro de um homem vale mais do que o apego da criança ao lar perversor.

Mas ainda aqui, podeis agir prophylacticamente. Á vossa verdade, contraporá, decerto, a criança o erro que trouxe de casa. Cabe-vos anebizar-lhe a impressão: ‘Tua mãe não quiz dizer-te o certo, para que aprendesses na escola; porque ela não o sabia bem. A escola é o lugar de aprenderes; assim como aqui aprendestes, a ler, assim aqui aprenderás tudo o mais. Não perguntes sobre essas cousas em casa. Mamãe e papae têm outras occupaões; a minha occupaão é ensinar-te.

E ensinaí. Ensinaí a verdade; a verdade toda, a verdade tão mais simples quanto mais verdadeira. E mostrai toda a sublimidade das funções que transformam uma gotta de esperma e uma celula escondida, nos primores da esculptura humana e na maravilha dos heroes e dos santos.” (idem, pp. 124-125)

As intervenções produzidas pela Liga como dispositivos para normalização, podem ser caracterizadas em dois tipos; ambos defendiam a saúde física e moral das famílias, executando conseqüentemente a política do Estado interessada em corpos dóceis e saudáveis para a industrialização que se iniciava.

A partir disso, o conceito de saúde vinha através da boa educação, ampliava-se para muito além da desinfecção a intervenção dos higienistas na escola, que era, sem dúvida, um espaço privilegiado para difundir o novo credo, podendo ser utilizado como via para que o Estado pudesse mostrar que era sensível à questão eugênica. Um claro exemplo desse modelo de atuação foi a iniciativa do Governo do

Estado de São Paulo de distribuir gratuitamente a *"Cartilha de Higiene"*³, para alunos das instituições públicas, obra que havia sido editada por Monteiro Lobato e que circulava época com,

*"Às recomendações higiênico-sanitárias, que sob pretexto de livrar o indivíduo e o ambiente de qualquer elemento capaz de perturbar o estado higido revelam uma voracidade crescente de normatização, mesclavam-se propostas, não menos intervencionistas, provenientes da eugenia (...) higiene e eugenia freqüentemente eram encaradas senão como sinônimos, pelo menos enquanto ciências que compartilhavam objetivos muito próximos. A primeira insistia na erradicação das pestilências, das doenças infecto-contagiosas e nos benefícios da boa alimentação, da abstinência das toxinas, da vida ao lar livre, da adoção de hábitos higiênicos; já a segunda pretendia, com base nos conhecimentos acumulados a respeito da reprodução humana, aperfeiçoar física e moralmente a espécie."*⁴

De acordo com o médico paulista Renato Kehl no seu texto "O que é Eugenia" escrito em 1918, que é considerado por muitos estudiosos como sendo o introdutor da ciência de Galton no Brasil, visto que sua maior preocupação estava voltada para a difusão da mesma, a posse da *"banqueta mágica"* da seleção via higiene mental, permitiria à humanidade,

"(...) 'expurgar os doentes, incapazes, criminosos e amorais' e substituí-los por indivíduos eugenizados, bem gerados, segundo um 'padrão com índice ótimo de robustez'. Adotando, nesse momento, uma concepção bastante ampla de eugenia, Kehl declarava que 'instruir é eugenizar, sanear é eugenizar', estabelecendo uma linha de continuidade entre as medidas que visavam melhorar a saúde pública e seus efeitos no nível da hereditariedade. No controle rigoroso dos provenientes residiria o segredo da moral, da beleza, da saúde, do vigor e, como rapidamente costumam concluir os eugenistas, da felicidade do gênero humano." (Kehl, 1918)

Visto que, a seu ver, a ciência que tinha em mãos, além de ser a *"moral universal do amanhã"* era,

³ Para uma análise sobre essa publicação, consultar Rocha, H. *A higienização do povo: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*.

⁴ DE LUCA opcit: Resenha de Cartilha de higiene de A. Almeida Júnior. RBR, v. 25, n. 102, p.155, jun. 1924. Em mais de uma oportunidade, Washington Luís, ao ocupar o cargo de Presidente do Estado, adquiriu grande volume de livros editados por Lobato para serem distribuídos gratuitamente nas escolas públicas.

“(...) a ciência da boa geração. Ela não visa, como parecera a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias. Seus objetos não se restringem à calipedia, isto é, ter filhos bonitos. A beleza é um ideal Eugênio. Mas a ciência de Galton não tem horizontes limitados; ao contrário, seus intuitos além de complexos são de uma maior elevação... ela tem a visão do exterior, porém a sua mira de atilada agudeza deseja a representação completa da perfeição estereotipada na beleza a moral e somática” (idem)

Sobre a questão da produção social da identidade do anormal, Bueno (1993) traz importantes contribuições, na medida em que possibilita perceber que a identidade social do indivíduo tido como “anormal” se dá a partir de uma construção histórica, assinalando que, em todas as épocas, o meio social identificou, usando algum critério, os indivíduos que possuíam,

“alguma(as) características(s) que não fazia(m) parte daquelas que se encontravam entre a maior parte dos membros desse meio – não pela simples presença de uma diferença, mas pelas consequências que tais diferenças acarretavam às possibilidades de participação desse sujeito na construção coletiva de sobrevivência e reprodução de diferentes agrupamentos sociais, em diferentes momentos históricos”. (Bueno, pp. 159-178)

A análise do surgimento de instituições voltadas ao atendimento de crianças com deficiência se deu, segundo Bueno (1993), na medida em que preenchia três funções fundamentais que espelham os conflitos e contradições que permearam o surgimento das mesmas e que ainda encontramos nas instituições educativas de hoje:

“o de proporcionar à criança com evidentes alterações, tais como surdez e cegueira, acesso à cultura socialmente valorizada, bem como de propiciar o desenvolvimento de suas potencialidades e de habilidades necessárias a uma vida relativamente útil; o de contribuir para a separação e segregação dos divergentes, dos que atrapalhavam a nova ordem social e que necessitavam ser enquadrados, de alguma forma, às exigências(...); o de conformação das subjetividades sobre os sujeitos que a ela se incorporam, através das práticas institucionais, como a internação, a auto-suficiência institucional em relação ao meio social e a incorporação de funções como o trabalho em oficinas segregadas.” (idem)

Discutiremos a seguir o conceito de anormalidade presente nos Anais da Liga, tendo em vista analisar a produção desse discurso e os padrões identificados como determinantes para (a)normalidade. Existe uma necessidade social de rotular o diferente, como vemos com o dito "louco", com o dito "deficiente" e "anormais", no entanto sempre que se quer definir algo, não se pode fazer isso de forma isolada, porque os termos segundo os quais se procura dar uma definição, seja da anormalidade, da deficiência são, explícita ou implicitamente, sempre relacionais, seja na relação com os outros, ou na relação a si mesmo. João A. Frayze- Pereira (1982), esclarece esse tema com relação à loucura, mas abriremos como parâmetro para a análise de outras diferenças:

Isto é, designa-se louco o indivíduo cuja maneira de ser é relativa a uma outra maneira de ser. E esta não é uma maneira "normal" de ser, portanto, será sempre em relação a uma ordem de "normalidade", "racionalidade" ou "saúde" que a loucura é concebida nos quadros da "anormalidade", "irracionalidade" ou doença".

Essa maneira medicalizada de olhar o outro a partir da diversidade e da diferença, Lulkin aponta como sendo "legitimadas pela ciência moderna e a busca de essências universais, tanto na medicina como na filosofia, que contribuíram para a quase hegemonia do discurso da deficiência, descapacitando o sujeito(...)", construindo imagens da doença e da anormalidade, a partir de metáforas que as identificam à degradação, à desordem social, e que se opõem às imagens dos ideais eugênicos, de saúde, da perfeição e a anormalidade, identificadas como fatores de regeneração pela norma.

A palavra norma é de origem latina, e está na origem do termo normal, que significa "esquadro". Uma vez que a palavra *normalis* quer dizer "aquilo que não se inclina nem para a direita nem para a esquerda", ou seja, normal é o que se mantém no equilíbrio de um justo meio termo. Normalizar é impor uma exigência que possui um caráter diversificado, irregular, sabemos que esse é um aspecto que a sociedade não quer que seus cidadãos tenham, uma vez que ela faz tudo para eliminar todo vestígio de anormalidade.

Para Claude Lévi-Strauss (1960), "a norma é, pois, tomar a parte pelo todo, concluir, graças às semelhanças que apresentam *certos* aspectos de duas civilizações [ou de duas culturas], pela analogia de *todos* os aspectos" (p.241).

Assim, uma norma, ou uma regra, se propõe como um modo possível de eliminar uma diferença, é reguladora mediante qualquer possibilidade de infração. O sentido, o valor de uma norma nasce quando existe algo que não corresponde à exigência a que ela obedece.

Em suma: se o normal se define mediante a execução de um projeto normativo, este, ao mesmo tempo que engendra o normal (o anormal é condicionado pelo normal), é acionado por ele (o anormal é condição do normal). Em outras palavras, o anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal e não um fato ou uma identidade autônoma que definiríamos pela identificação de um conjunto de propriedades delimitadas e imutáveis. O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são portanto inseparáveis. (Frayze- Pereira, 1982, p.22)

Um dos maiores problemas está no fato de as diferenças serem concebidas como deficiências, enquanto uma marca orgânica e identificável por meio de sinais visíveis, de comportamentos inadequados às expectativas sociais ou testes e exames, capazes de diagnosticar aspectos que não se evidenciam imediatamente e, ao mesmo tempo, confirmar o diagnóstico da anormalidade, é uma das representações com as quais temos nos defrontado na Educação Especial.

Representação essa, que se desdobra em um conjunto de expectativas de que a nossa formação se restrinja a um mapeamento dos diversos tipos de "deficiência", dos registros orgânicos que possibilitam a sua identificação e, ainda, da forma de lidar com cada caso, como Lulkin (2000) classifica a pedagogia, como sendo uma pedagogia ortopédica, disciplinadora do corpo e moralizadora, por conta disso

educar passa a ser corrigir, reabilitar, impondo uma forma evoluída de expressão tal como o falar. Os pré-requisitos para tal capacidade seriam uma disposição física para a aquisição da linguagem e do raciocínio e a presença das chamadas operações mentais como atenção, memória, etc." (p.35)

Vemos então que a relação normal-anormal, saúde-doença, se inscreve na realidade da existência coletiva. Somente levando-se em conta o conjunto da sociedade, o seu modo particular de constituição interna, é que se poderá chegar a compreender a "doença" concretamente, pois são as coletividades, que elaboram seus

próprios modelos de anormalidades, e de deficiência, entre outras, assim a concepção doença é variável da mesma forma como também variam os costumes. Uma vez que é o afastamento do padrão cultural, a essência, das diversas manifestações mórbidas. E aí está o paradoxo dessa perspectiva, as pessoas que não correspondem às expectativas sociais, e que diferem do padrão dito normal, passam a ser vistas essencialmente com um caso de desvio ou de inadaptação.

Bibliografia

- BUENO, Jose Geraldo Silveira. *Educação Especial Brasileira: a integração/ segregação do aluno diferente*. São Paulo: EDUC, 1993.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas. *Quando a história da educação é a história a disciplina e da higienização das pessoas*. In: FREITAS, Marcos C. (org.). *História social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- COSTA, Jurandir freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Primeira Edição., Rio de Janeiro, Editora Documentários, 1976.
- _____. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- COOPER, David. *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, A História de Um Asilo*. Segunda Edição., Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1986
- DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico Para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *A Política da Loucura (a antipsiquiatria)*. Campinas: Papirus, 1983.
- FRAYZE-PEREIRA, João. *O Que é Loucura*. Segunda Edição., São Paulo: Brasiliense, 1982. Col. Primeiros Passos.
- GLASSER, William. *Saude Mental ou Doença Mental?: A Psiquiatria Ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro : Record, 1983.

SCHECHTMAN, Alfredo. *Psiquiatria e Infância: Uma abordagem histórica*. In:

RUSSO, Jane e FILHO, João Ferreira da Silva (org.). *Duzentos Anos de Psiquiatria : Trabalhos apresentados na Jornada de Psiquiatria Estado do Rio de Janeiro/1992*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ed. UFRJ, 1993.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural: Raça e História*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LULKIN, Sérgio Andrés. *O silêncio disciplinado : a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado. FE/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Eugenia da Disciplina: O discurso Médico-Pedagógico nos anos 20*. Campinas: Dissertação de Mestrado. FE/UNICAMP, 1992.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. *A higienização do povo: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas: Dissertação de Mestrado. FE/ UNICAMP, 1995.

ANEXO I

ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL

TRABALHOS ORIGINAES

Hygiene Mental e Educação

Dr. J. P. Fontenelle

Ano I MARÇO DE 1925 N.1

Docente effectivo de Hygiene da Escola Normal do Districto Federal. vice-presidente da Sociedade Brasileira de Hygiene. Membro effectivo da secção de Puericultura e Hygiene Infantil da Liga Brasileira de Hygiene Mental. Presidente da Secção de Hygiene da Associação Brasileira de Educação. Inspector Sanitario do Departamento Nacional de Saude Publica.

A rapida evolução que vae tendo a hygiene publica, como forma de actividade social baseada na utilização das sciencias physicas e biologicas, levou-a a alargar grandemente as suas responsabilidades, incluindo um trabalho constructor de natureza nimiamente activa, muito além da simples passividade de defesa contra a doença. Ao mesmo tempo, considerando a importancia essencial da actividade psychica, profundamente entrelaçada no funcionamento da parte physica do organismo humano, a hygiene mental começou a surgir como cogitação especial. Essa hygiene mental apresenta duas faces: uma, tendo em vista o trabalho defensivo contra as causas de degeneração psychica, é a prophylaxia mental; outra, procurando preparar o equilibrio de adaptação entre a mentalidade individual e o meio physico e social, é a hygiene mental propriamente dita.

Tendo resolvido escrever uma contribuição para o thema “O que já se faz e o que já se póde fazer no Brasil em hygiene mental”, do programma do 2º Congresso Brasileiro de Hygiene, recentemente realizado em Bello Horizonte (*), dispuz-me a traçar uma curta resenha desse assumpto, passando rapidamente pela parte de prophylaxia mental, onde já se ensaiam, entre nós, esforços e organizações para

insistir, um pouco menos summariamente, sobre o lado constructivo do problema, que se encontra na educação a fôrma util de realizar-se. Procurando definir, naquelle meu trabalho, o esforço constructivo na esphera particular da saude mental, traduzi as seguintes palavras de Thomas H. Salmon, do tratado de hygiene de Rosenau: "Está nitidamente dentro da esphera da hygiene mental esforçar-se por evitar esses fracassos de ajustamento, que, sem chegarem ás mais graves perturbações da adaptação que chamamos doenças mentaes (psychoses), podem, entretanto, desnaturar a vida e profundamente embaraçar a efficiencia e felicidade do individuo."

O problema de hygiene mental considera os dois elementos que se relacionam: a estrutura psychica do individuo, não raramente deficiente e imperfeita, dependendo em grande parte da hereditariedade; e o meio physico e social, creando, ás vezes, condições adversas, que podem perturbar e, em gráo extremo, até esmagar as mentalidades mais firmemente equilibradas.

A base scientifica da hygiene mental é a psychologia, da mesma fôrma que a physiologia é o fundamento da saude physica, convindo sempre lembrar a interdependencia das duas esferas de actividade e as reacções de uma sobre a outra. A physiologia nos mostra como o systema nervoso responde aos estímulos externos e permite o perfeito ajustamento do organismo ás condições do meio, por intermedio de impulsos que levam á acção conveniente, seja reflexa ou inconsciente, seja voluntaria ou escolhida. Com a percepção das impressões sensoriaes, esboça-se nossa vida mental. De outro lado, todos nós herdamos certos instinctos, concomitantes de determinadas emoções, com o proposito de protecção individual e de preservação da raça. Repetidas descargas nervosas pelas mesmas vias, partindo de estimulações exteriores identicas, levam á mecanização das reacções e, portanto, á formação dos habitos. Tanto mais se repetem as mesmas excitações, mais rapidas e mais precisas vão se tornando as respostas, tendo como consequencia o enraizamento cada vez maior dos habitos, não somente musculares, como o andar, o correr, o tocar piano, etc., como também habitos de pensamento e habitos de vontade. O raciocinio justo e a deliberação correcta podem desenvolver-se pelos mesmos processos que aperfeiçoam a dextreza manual. Os máos habitos são mais seguramente corrigidos pela pratica repetida de actos convenientes, do que por esforços de vontade, por mais poderosos que sejam. É uma pura questão de vias reflexas mais utilizadas e de maior provisão de experiencia passada ao inconsciente. Parallelamente, com essa

experiencia que cresce, augmenta a razão, desenvolve-se o juizo e a vontade consegue dominar os impulsos, exprimindo-se a actividade mental em ideaes bem determinados. A mentalidade desenvolvida correctamente, e actuando por meio de reacções convenientes, traduz-se no comportamento mais adequado ao ajustamento, do individuo ao meio physico e social, exhibindo o que se póde chamar a saude mental.

Pondo de lado os factores physicos que podem perturbar a formação e o desenvolvimento da bôa estrutura mental ou psychica, desejo insistir, agora, com mais minuncias, neste pequeno trabalho, sobre o problema educativo de preparar a adaptação perfeita do adulto futuro, pela criação de bons habitos mentaes. O problema pertence aos que se enquadram na acção mais util da hygiene moderna, que visa automatizar as boas normas de conducta, para assegurar, desse modo, a saude. Em tal sentido, tem isso servido de thema a uma porção de trabalhos modernos, alguns dos quaes vão citados, sem pretensões bibliographicas, no fim deste modesto artigo, escripto tão somente para despertar a attenção sobre o assumpto.

Pouca gente reflecte que a experiencia da criança começa logo depois do nascer e que, assim, a formação de habitos mentaes se inicia com a propria vida post-natal. Mcfie Campbell, que fez um estudo dessa experiencia dos infantes, disse muito bem que a hygiene mental começa quando a criança é posta ao seio para mammar, pois que a mãe ignorante, que alimenta o filho cada vez que elle chora, ensina por essa fôrma a dominar a situação pela violencia. Ao contrario disso, urge desde logo dar á criancinha habitos de regularidade, para dormir e para alimentar-se.

A felicidade futura dos individuos vae grandemente depender dos primeiros habitos que lhe vão ser inculcados e esse trabalho não deve ser de fôrma alguma, retardado. Um menino que se acostumou a governar a família (e entre nós o caso se dá muito mais vezes do que se possa crer), quando adulto ficará suprehendido de sentir que os seus comparsas na vida não lhe querem obedecer: isso o enfurecerá, falo-o-á descontente e infeliz. Frequentemente é assim que os individuos deixam de poder adaptar-se ás condições sociaes e escapam ao circulo que os aperta, eliminando-se do convivio social ou até da propria vida. E, no entanto, tinham, muita vez, a estrutura mental perfeita; apenas a educação fôra errada e falhara ao seu proposito principal. Este pequeno exemplo serve para raciocinar sobre os habitos mentaes que é preciso formar o mais cedo possivel.

A doença mental não é mais que a fallencia da adaptação, e, assim, a hygiene

mental necessita cuidar da intelligencia como da conducta, educando-se a criança no pensamento generoso e no viver em harmonia com seus pequeninos companheiros. Naturalmente, haverá facilidade maior ou menor, de accôrdo com as tendencias herdadas. Ha os tarados, que precisam mil cuidados e assidua fiscalização, como ha os que facilmente se submettem e rapidamente respondem ao trabalho educativo.

Muito cuidado é preciso ter com os exemplos apresentados á criança. Sua grande e principal tendencia é a imitação: ella imita o que é bom, como repete o que é máo. Não ha regra nenhuma que substitua o bom exemplo, os bons habitos, a boa educação.

Ponto importante desse trabalho educativo inicial é a confiança e o dominio de si mesmo. É necessario que a criança se sinta obrigada a dominar os proprios instinctos, que gritam exigindo satisfação, mas que precisam ser solidamente dominados. A responsabilidade dos proprios actos deve ser despertada e consolidada, fazendo-se a criança desempenhar obrigações progressivamente mais complicadas.

Combater o excesso de sensibilidade dos filhos é obrigação precipua de toda mãe que conhece os seus deveres, para que mais tarde não esperem os individuos (em vão) que as outras pessoas se deixem dominar por simples lamuria. Os cuidados excessivos e a tolerancia exaggerada criam uma atmospheria artificial para a criança, muito diversa daquella que irá o adulto encontrar na vida real, dando causa a desillusões e infelicidade. Educar com severidade e brandura, combinadas em dóse conveniente, eis o meio de preparar um justo equilibrio que permitta á criança não ter surpresas na vida futura, para a qual foi perfeitamente preparada.

O habito de enfrentar calmamente situações difficeis, de resolver sozinho as difficuldades dos estudos e, sobretudo, de resistir impavidamente aos pequenos dissabores e aos fracassos de pouca consequencia prepara o homem para os grandes embates da vida. Não é raro ver-se o caso de jovens que chegam até o suicidio por terem sido apenas reprehendidos ou falharem uma vez em exames. Ha, naturalmente, os anormaes, cuja reacção é exagerada, mas muitas vezes o facto é resultado fatal de defeituosa educação. A capacidade de resistir e de soffrer as provações moraes deve ser ensinada desde cedo, tornando possivel o dominio dos proprios actos, no meio das mais tremendas crises, evitando-se desse modo as soluções violentas, que facilmente se abrem, como valvula de segurança para os caracteres mal formados.

A actividade mental deve ser habituada ao trabalho regrado contrabalançando-se a capacidade imaginativa com o poder de observar e reflectir.

Deve-se procurar encher a vida das crianças com actividades de ordem pratica, evitando-se assim, os excessos de imaginação, que os norte-americanos com tanto proposito chamam de “day dreaming”. A imaginação viva é característica de boa saude, mas a capacidade de dominar-a póde ser creada e desenvolvida, para combater o desinteressamento da realidade e o isolamento mental.

Ao passo que os annos se adiantam, novos problemas vão surgindo, cheios de ligação com a saude physica, como por exemplo a questão da educação sexual. Isso é, de facto, materia das mais delicadas, mas a proposito da qual uma opinião já se vae formando bem definida, no sentido de combinar-se como diz Rosenau, a moralidade individual e social com o conhecimento da realidade, visando-se muito mais as recompensas da saude e da virtude do que os castigos das doenças e do vicio. Esse problema deve ser resolvido pelos paes de modo simples: ou elles terão de responder ás perguntas inevitaveis de seu filho, aprofundando pouco a pouco o assumpto, ou terão de deixar a resposta para quem não tenha interesse em procurar uma fôrma menos grosseira de apresentar os factos. A realidade é, porém, que os conhecimentos serão obtidos fatalmente. Melhor será que o sejam por maneira escolhida, delicada e progressiva. A psiquiatria moderna está rapidamente esclarecendo o grande alcance do effeito mental da viciosa apresentação dos assumptos sexuaes ás mentalidades ainda não completamente formadas. Este argumento está muito bem tratado no livro de William Healy sobre delinquentes juvenis.

Outro ponto de importancia educativa é o combate ao que se chama commumente o “nervosismo”, condição imprecisa que embaraça a efficiencia humana, destroe a paz e leva muitas vezes á doenças mentaes bem definidas. Num excellento estudo sobre as causas e a prevenção do nervosismo, o Dr. Austin Fox Riggs dá as seguintes regras syntheticas:

1. “Não fujas das emoções nem as combatas: deixa-as actuar, dominando-as.
2. Sê efficiente em tudo que fizeres. Faze as coisas bem, pela maneira mais simples.
3. Faze cada coisa a seu tempo.
4. Toma decisões definidas e praticas. Modifica-as de accôrdo com os novos factos.
5. Evita a pressa, planejando bem e não pretendendo o impossivel.
6. Evita de atormentar-te. Decide si a questão é contigo e si é contigo agora:

nesse caso, decide o que fazer e faz-o imediatamente.

7. Mantem o trabalho, o divertimento, o descanso e o exercício em justas proporções relativas, em cada dia. Mantem todos separados.
8. Evita o estado de superconsciencia.
9. Depois de tomares uma decisão, não gastes energia em “preparar a acção”. Faze a acção.
10. Reconhece o teu problema como o problema universal - manter claros os ideaes, fazei-os viver em acção pratica e diaria - vivendo a vida.”

Do que temos visto, resalta a importancia de considerar os primeiros annos, na preparação individual para a vida futura. Pouco a pouco, está caminhando, em nosso meio, a idéa de cuidar-se da saude das crianças das escolas, de fazer-se-lhes a educação hygienica , de examinar-se-lhes systematicamente o corpo e o espirito e de corrigirem-se-lhes os defeitos e desvios. Todavia, para certas questões da saude physica e para quasi todas as da hygiene mental, é preciso cuidar da criança antes do periodo de escolaridade. Do ponto de vista do desenvolvimento, a criança já é um producto mais ou menos acabado, quando lhe irrompe o molar de seis annos: por isso, nos Estados Unidos, começa seriamente a despertar o movimento em prol de uma acção que se exerça na idade pre-escolar. Nesse sentido, ninguem tem feito tanto quanto Arnold Gesell, professor de Hygiene da Criança e director do Dispensario Psychico, da Universidade Yale, de Boston, quer em acção, quer em escriptos. Em um de seus ultimos trabalhos sobre o serviço de hygiene mental para as crianças pre-escolares, elle mostra como os primeiros seis annos da vida são os de mais rapido e mais fundamental desenvolvimento. Psychicamente, a pre-escolaridade é um periodo basico, porque é nessa epoca que são lançados os fundamentos da estructura da personalidade. Praticamente, todos os casos de deficiencia mental se originam, e já são reconheciveis, na idade pre-escolar, desde tal tempo sendo possivel descobrir as raizes das perturbações psychicas que somente mais tarde se caracterizarão.

Assim como já se vão fazendo exames systematicos das crianças para descobrimento de defeitos, anomalias e doenças physicas que devem ser sem demora corrigidos e curados, para beneficio futuro do individuo e mais eficiencia e economia no trabalho de educação e de instrucção, assim tambem é indispensavel estabelecer exames psychicos periodicos, para vantagem da hygiene mental do

desenvolvimento. O estudo das normas do desenvolvimento mental e do comportamento cahe exactamente dentro desse programma de trabalho, num inquerito dirigido sobre a personalidade tanto quanto sobre as manifestações intellectuaes. Dahi a organização de padrões minimos que permittem a fiscalização do desenvolvimento. A “Baby Hygiene Association”, de Boston, já ensaiou um “Dispensario de Habitios”, mostrando a possibilidade de fazer-se obra de psychiatria preventiva e correctiva, nesse campo de acção.

A consequencia pratica destes principios é a necessidade de ensinar ás mães como formar os primeiros habitios de seus filhinhos, adaptando-os da melhor maneira aos problemas iniciaes da vida, como a alimentação, o somno, o asseio, a disciplina, etc. Mas a verdade é que não poucas mães abandonam os cuidados educativos iniciaes a amas e criadas, e que ellas proprias, na grande maioria dos casos, não estão em situação de levar a cabo esse trabalho. Por isso, o desenvolvimento das escolas maternas e jardins de infancia, em numero e qualidade, é uma de nossas maiores necessidades, para fazer a educação dos sentidos, preparar a adaptação das crianças e tornar mais facil e economico o futuro trabalho escolar. Isso seria um elemento importante de acção num systema de “Hygiene da Criança”, que é preciso estabelecer entre nós. Essa organização deveria ter as seguintes funcções: 1, regulamentar e padronizar os methodos obstetricos; 2, estabelecer o serviço prenatal; 3, reduzir a mortalidade infantil; 4, fiscalizar e melhorar as crianças pre-escolares; 5, fiscalizar e melhorar as crianças das escolas; 6, fiscalizar e melhorar as crianças no trabalho. Dentro desse programma, o serviço de hygiene mental não é dos menores, porque teria de: a) prover á fiscalização systematica do desenvolvimento mental; b) procurar guiar os paes nos principios educativos; c) utilizar enfermeiras e professoras, em visitas aos lares, para auxilio e conselhos aos paes; d) multiplicar e aperfeiçoar os jardins de infancia; e) organizar a educação dos paes e mães para as suas funcções futuras; f) organizar o descobrimento e educação dos deficientes mentaes.

Ainda estamos bem longe disso. Mas á Liga Brasileira de Hygiene Mental incumbe a alta funcção de propagar as grandes linhas desse trabalho educativo de hygiene mental, procurando despertar a attenção geral. E' possivel que sua acção tenha de exercer-se em materia consultiva para as organizações officiaes e particulares já existentes. Só ahi, que grande funcção lhe estará reservada? Um exemplo concreto: bata-se a Liga pelo melhoramento da instrucção technica das

professoras primarias, organizando-se, em bases logicas e uteis, o ensino da Psychologia nas Escolas Normaes. Desse esforço sairiam resultados muito apreciaveis, porque assim se multiplicariam as fontes de propaganda dos grandes principios que poem na educaçao os fundamentos da hygiene mental, cultivando e preparando as mentalidades individuaes para o correcto ajustamento futuro, base da saude, do trabalho e da felicidade.

REFERENCIAS SOBRE O ASSUMPTO

William White - Principles of Mental Hygiene.

Mcfie Campbell - The Experiences of the Child: How they Affect Character and Behavior.

L. F. Barker - Principles of Mental Hygiene Applied to the Management of Children Predisposed to Nervousness.

A. Fox Riggs - Nervousness: Its Cause and Prevention.

William H. Burnham - Success and Failure as Conditions of Mental Health.

Frederic Lyman Wells - Mental Adaptation.

Arnold Gesell - The Pre-School Child.

Arnold Gesell - A Mental Hygiene Service for Pre-School Children.

William White - Mechanisms of Character Formation.

E. S. Abbott - Program for Mental Hygiene in the Schools.

William Burnham - Mental Health for Normal Children.

Mcfie Campbell - Nervous Children and their Training.

Williams White - Childhood: the Golden Period for Mental Hygiene.

MENTAL HYGIENE AND EDUCATION

(Abstract)

The author establishes initially the difference between Mental Prophylaxis, which aims the defense against the causes os psychic degeneration, and Mental H yiene, which tries to prepare the adjustment of the individual personality to physical

and social environment.

He emphasizes Psychology as the basic science of mental health, such as Physiology is the foundation of body health, but reminds the interdependence of the two, and that one uses certain practical indications relative to the actions they have to each other. He points out, briefly, the automatization of habits, in the muscular activity as well as in the thinking and deliberation. Then, he lays out the foundation of the development of personality, - the education, - as the true constructive work in mental hygiene.

The fundamentals of this constructive work are reviewed, in connection with the educational efforts, by the mother, by the kindergarten and by the school. The principal habits needed in the laying out of the foundation of personality are indicated, like self-reliance, self-control and independence. Over sensitiveness and day dreaming are decidedly discouraged, and sex education pointed out as important matter in connection with the subject. To combat nervousness is indicated as an important item.

The author ends his paper by analyzing the responsibility of the Education Bureau, in mental health work, and the rôle of the Brazilian League for Mental Hygiene as the central agency for coordination of every effort in the general campaign for better mental health.

(ABHM, 1925, pp.1-10)

ANEXO II

ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL

EDITORIAES

A Higiene Mental no Brasil

Mirandolino Caldas

Ano III MARÇO DE 1930 N.3

“(...) A Higiene mental nasceu nos estados Unidos em 1908, quando se fundou em Connecticut, sob a inspiração de Clifford Beers, a primeira sociedade destinada especialmente a tratar da prophylaxia das doenças mentaes e a prégar a necessidade da hygienização do espirito.

Dois annos antes, porém, já em 1906, Juliano Moreira, o grande mestre da psychiatria brasileira, em carta enviada do Egyto aos Archivos Brasileiros de Psychiatria, previa a época da hygiene prophylactica no dominio desta especialidade.

Dez annos mais tarde, em 1916, Ermani Lopes, que fora como delegado do Brasil ao Congresso de Medicina social de Tucuman, na Argentina, defende, pela primeira vez, na America do Sul em um trabalho sobre o “Tratamento dos doentes mentaes agudos nos hospitaes communs” a necessidade de assistir certos psychopathas curaveis sem os internar em manicomios propriamente ditos. Como se vê, eram os prodromos da idéa da hospitalização livre, dos ambulatorios psychiatricos e dos “serviços abertos” que sómente nos Estados Unidos se começava, então, a realizar.

Em dezembro do mesmo anno (1916), comparecendo ao 1º Congresso Medico Paulista, o illustre psychiatra patricio apresentava outro trabalho intitulado “Nota sobre Prophylaxia das Doencas Mentaes”, no qual fazia ver que a “psychiatria já não occupa em exclusivo com o tratamento dos alienados durante a sua internação” e que “cada vez mais se verifica a necessidade que há da intervenção do psychiatra em numerosos casos da vida social.”

Afóra estes trabalhos, poucos outros appareceram, entre nós, referentes a prophilaxia e á hygiene mental propriamente dita, durante varios annos.

Em 1919, porém, assistiamos não mais a leitura de uma communicação, não mais a

simples exposição de idéas, de theorias e de doutrinas, mas a uma grande realização, a um grande acontecimento de ordem pratica: Gustavo Riedel, Diretor da Colonia de Psychopatas do Engenho de Dentro, inaugurava naquelle hospital o primeiro Instituto de proffilaxia mental da America do Sul.

Dispondo esse instituto de consultórios para todas as doenças medico-cirurgicas, para ali se dirigem doentes de toda natureza, o que facilita e permite a triagem de grande numero de psycopathas e fronteiriços .

Reconhecida que seja, em qualquer desses doentes, uma anormalidade psychica, encaminha-se-o para o consultório Central de Doenças Nervosas e Mentaes, onde e submettido ao exame psychiatrico. Apoz esse exame, é o doente internado ou submettido a tratamento em sua propria casa, sob a vigilancia do “serviço social.”

Em 1920, por ocasião da reforma de seus estatutos, a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, resolve, por inspiração do Professor Juliano Moreira, incluir, entre as suas finalidades, também um programma de hygiene mental.

A realização de Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro que, por si so bastaria para cobril-o de gloria, não constitue porem, toda a obra desse illustre homem de sciencia.

Tendo ido em 1922 aos Estados Unidos e Cuba, onde representou o Brasil no Congresso Latino-Americano, reunido em Havana, fundou, ao regressar, a Liga Brasileira de Hygiene Mental da qual foi o primeiro presidente.

Foi numa sessão solene em homenagem ao eminente mestre professor Juliano Moreira que Riedel declarou fundada a nova aggremação scientifica.

Esta instituição que tem por fins prevenir as doenças nervosas e mentaes, proteger e amparar no meio social os egressos dos manicômios, melhorar progressivamente os meios de assitir e tratar os doentes nervosos e mentaes e, finalmente realizar um programa de hygiene Mental e eugenetica no dominio das actividades individual, escolar, profissional e social, esta Instituição, dizíamos, foi no anno seguinte reconhecida de utilidade publica por decreto do Governo Federal, n. 4778 de 27 de dezembro de 1923.

Dirigida por psychiatras e composta de elementos dos mais representativos da classe medica brasileira, de juristas, de educadores, jornalistas, etc., tornou-se a liga, desde então, o grande centro de propaganda a favor da proffylaxia mental.

Juliano Moreira e Henrique Roxo, os dois grandes expoentes da psychiatria indígena, ao lado de Gustavo Riedel, Plínio Olinto, Ernani Lopes, Mauricio de

Medeiros, Afrânio Peixoto, F. Esposel, etc., dirigiam campanhas. Cada qual em seu campo de acção; uns, procurando aperfeiçoar, nos hospitaes que dirigiam, os methodos de tratar e assistir aos insanos; outros doutrinando na cathedra; outros, pregando pelas columnas da imprensa; outros, enfim, procurando despertar o interesse pelo assumpto nas sociedades e Congressos scientificos.

No 2o. Congresso Brasileiro de Hygiene, que se reuniu em Bello Horizonte, em dezembro de 1924, foi a hygiene mental, por proposta do prof. F Esposel, incluída na lista dos themas officiaes. Varios foram os trabalhos apresentados a esse Congresso pelos nossos especialistas (...). Foi eleito, então, Presidente a Dr. Plínio Olinto que assumiu direção da Liga em 31 agosto de 1925. Mezes depois, passou a presidencia ao Vice-Presidente, professor F. Esposel, entretanto em goso de licença e não mais reassumindo o cargo. O illustre professor F. Esposel, por sua vez, ao fim de 4 dias de gestão, officiou ao Secretario Geral, passando a interinidade.

Ernani Lopes que occupava o cargo de Secretario Geral, assumiu, então, a Presidencia da Liga. A Instituição entrou numa phase de crise administrativa. Houve difficuldade de formar-se uma nova Directoria. Algumas pessoas a quem o Professor Ernani Lopes convidara para constituírem com elle a Directoria, por motivos que ignoramos, delicadamente se escusaram.

Foi neste momento critico para a vida da Liga que o Deputado, Professor Mauricio de Medeiros alliou-se a Ernani Lopes para continuação dessa obra de regeneração social. Intelligencia fulgurante, homem de visão, comprehendeu o Prof. Mauricio de Medeiros, que não se devia permitir a dissolução de uma Instituição dessa natureza mas, pelo contrario, urgia redobrar de esforços para vê-la victoriosa na consecução dos seus elevados objectivos. Preenchidos, assim, por esses dois nomes os cargos de presidente e vice-presidente, completou o quadro da Directoria, como secretario geral, o Dr. Murillo de Campos, um dos mais illustres psychiatras, que gentilmente acquiescera também ao convite que lhe fora feito.

Passado esse periodo de anormalidade, entrou a Liga de Hygiene Mental, novamente em actividade. Organizou-se um plano pormenorizado para um serviço ambulatorio de psychiatria preventiva, na sede da Liga, que chegou a entrar em execução, de accordo com o seguinte programma: segundas-feiras: a)- prevenção dos accidentes nervosos da infancia. Conselhos as mães e as amas, pelo Dr. Gustavo deRezende; b)- Clinica de Toxicômanos: Conselhos das suas familias, pelo Dr. Cunha Lopes. Terças-feiras:- Assitencia prophylactica aos “pequenos nervosos”, pelo Professor

Mauricio de Medeiros. Quartas-feiras:- Tratamento e prevenção das reações anti-sociais da infância, pelo Dr. Heitor Carrilho. Quintas-feiras: Pesquisas genealógicas destinadas a orientar a hygiene mental, pelo Dr. Floriano de Azevedo. Sextas-feiras:- as mesmas consultas das segundas-feiras. Sabbados: Exames medicos e periodicos, visando a conservação da saúde mental, pelo Dr. Murillo de Campos.

Foi um ano de grande actividade esse de 1926. A frequência do ambulatorios psychiatricos augmentava de dia para dia.(...) Iam, desse modo, intensificando-se cada vez mais os trabalhos da Liga, quando, já em 1927, recebemos do Snr. Ministro da Justiça o convite para deixarmos o edificio que occupavamos, pois que este seria, dentro em breve, demolido pela prefeitura.

Já com a subvenção federal supprimida completamente com a subvenção municipal reduzida a metade, isto e, 500\$000 por mez, a perda da Sede constituiu para a Liga um golpe muito forte capaz de reduzil-a a inactividade.

Apoz mil e uma difficuldades, conseguiu, porem, a Liga encontrar um agasalho em um dos salões do Instituto de Surdos-Mudos, graças ao auxilio de um dos nossos illustres consócios, Dr. Gilberto de Moura Costa, e também a boa vontade do Snr. Ministro da Justiça (...) Apesar do desconforto da nova sede, não ficou a Liga inteiramente parada e inactiva.(...)

Em marco de 1928, havendo eleição para a nova Directoria foi reeleito Presidente o Professor Ernani Lopes, passando o Professor Mauricio de Medeiros para o conselho Executivo e eleitos Vice-Presidente e Secretario geral, respectivamente o Professor J. P. Porto-Carrero e o autor dessas linhas.

Mezes depois, inaugurava-se, na séde da Liga uma sala de leitura de obras especialistas sobre hygiene mental e sciencias affins, que se acha desde, então, a disposição de quantos se interessem pelo assumpto.

Organizou-se, em seguida, uma importante serie de conferencias, sobre variados themas de hygiene mental (...)

Em outubro, realizou-se a 2º "Semana anti-alcoolica", em todo o Brasil. Ainde esse anno fez-se a Liga representar na 1º conferencia Latino-Americana de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, reunida em Buenos Aires (...).

Em 1929, a actividade da Liga foi identica á do anno anterior. Lutando sempre com a falta de recursos não lhe foi possivel obter grandes realizações, dentro do programmma que traçou.

A campanha contra o alcoolismo, porém, entrou numa phase promissora. Os esforços

de longos annos dos nosso mais acatados mestres, Juliano Moreira, Miguel Couto, Henrique Roxo, Ernani Lopes, Afranio Peixoto, Fernando Magalhães, Mauricio de Medeiros, tambem Plinio Marques, Severino Lessa, Sá Freire, Evaristo de Moraes, Hermeto Lima, etc., conseguiram, afinal, fornar o ambiente favoravel nas 2 casas do congresso e no Conselho Municipal. Na Camara devemos muito aos esforços de Afranio Peixoto, Plinio Marques, Mauricio de Medeiros, Carlos Penafiel e ultimamente a Samuel Hardmann e thiers Cardoso.

No Conselho Municipal, entre outros, não podemos esquecer os nomes dos ilustres intendentes, Professor Raul Leitão da Cunha e Mauricio de Lacerda.

A Liga que, em 1925, publicara 2 numeros de uma revista semestral intitulada “Archivos Brasileiros de Hygiene Mental”; fêl-a voltar a circulação como revista mensal, em outubro de 1929. No orgão official da Liga têm apparecido artigos interessantissimos de vulgarisação psychiatrica e hygiene Mental, assignados pelos nosso mais eminentes mentalistas.

Essa tem sido, em linhas geraes, a marcha da campanha em pról da hygiene psychica, na capital da Republica. Nos Estados, embora pouco se tenha feito, não nos é licito esquecer a propaganda que se vem realizando em S. Paulo, sob a orientação de C.A. Pacheco e Silva, Franco da Rocha, Cantidio de Mourta Campos, Leopoldino Passos, e outros. Desde 1926 fundou-se na capital paulista a Liga Paulista de Hygiene Mental, filiada a Liga Brasileira.

No Rio Grande do Sul, o nosso Delegado Regional, professor Raymundo Vianna, auxiliado por um dos nossos membros correspondentes, Professor Luiz Guedes, fundou a Liga Rio Grandense de Hygiene Mental. Nos demais estados, por emquanto, os trabalhos têm visado particularmente o combate ao alcoolismo, durante as semanas anti-alccolicas.

Como se vê, grande perserverante têm sido os esforços dos nossos mentalistas. Infelizmente, apesar de toda a bôa vontade dos nossos homens de sciencia, inda não foi possivel conseguir algo de objectivo.

Além de tudo, sempre que Directoria desta Instituição se empenha na consecução de um “desideratum”, surge um obstaculo que lhe embaraça e lhe detem a marcha.

Ainda neste momento vê-se a Liga na dura contingencia de abandonar a sua séde actual em virtude de determiniações do Snrs. Ministro da Justiça e do Director do Instituto de Surdos-Mudos.

Os Governos olham com simpatia a nossa actuação mas, apesar disso, não têm

podido prestar-nos o auxilio que seria de desejar.

Devemos, entretanto, aproveitar a oportunidade para agradecer mais uma vez ao Snr. Prefeito Antonio Prado Junior, os instimaveis serviços que tem prestado á nossa Instituição.”

Mirandolino Caldas (ABHM,1930, pp.69-77)

